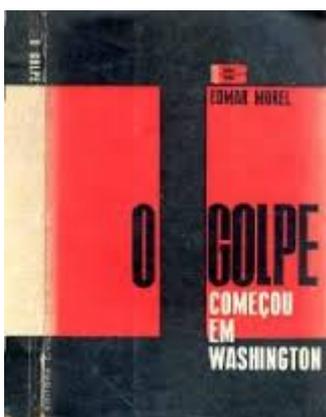


Washington: do suicídio de Vargas à queda de João Goulart*

LUIZ ALBERTO MONIZ BANDEIRA**



Em 23 de agosto de 1954, cerca de 30 generais, vinculados à facção denominada Cruzada Democrática, ameaçaram usar a força, caso o presidente Getúlio Vargas não renunciasse, imediata e definitivamente, à presidência da República. Estavam a apoiar a posição dos brigadeiros da Aeronáutica, amotinados desde o assassinio do major-aviador Rubem Florentino Vaz (5 de agosto), enquanto acompanhava o jornalista Carlos Lacerda, da União Democrática Nacional (UDN), que defendia a implantação de um "Estado de emergência", através do jornal **Tribuna da Imprensa**, com recursos, decerto, oriundos da CIA, segundo Tancredo Neves, então ministro da Justiça.¹ Os generais Juarez Távora, Oswaldo Cordeiro de Farias e o brigadeiro Eduardo Gomes então articulavam, abertamente, a derrubada do governo. E Vargas, após ouvir do ministro da Guerra, Zenóbio da Costa, que a licença exigida pelos militares não

implicava qualquer possibilidade de seu retorno ao governo, percebeu que ele havia aderido ao golpe e não havia qualquer possibilidade de resistência. E, pouco depois das 8hs da manhã de 24 de agosto, sua esposa, Darcy Vargas, e o coronel da Aeronáutica Hernani Hilário Fittipaldi, ajudante de ordens, ouviram um tiro e acorreram para o quarto. Lá estava o presidente Getúlio Vargas morto, caído sobre a cama, com um revólver Colt, calibre 32, na mão direita, a esquerda pousada sobre o peito. Havia preferido a morte ao ultraje da deposição. E, em carta entregue a João Goulart, denunciou:

"A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculizada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente".

As aves de rapina, que queriam continuar "sugando o povo brasileiro" e às quais Vargas ofereceu sua vida em holocausto, eram os grupos

internacionais, cujo ninho estava em Washington, de onde, em 1952, partira certamente o encorajamento para criação da Cruzada Democrática, por uma facção de militares conservadores e simpatizantes dos Estados Unidos, a fim de impedir a reeleição dos generais Estillac Leal e Horta Barbosa que defendiam política nacionalista do presidente Getúlio Vargas, consubstanciada, sobretudo, pelo monopólio estatal do petróleo, e tentavam a reeleição para a presidência do Clube Militar.

Ao ouvir, porém, a notícia de que Vargas se suicidara, massas, sob o impacto da denúncia por ele feita, na carta de despedida, e autenticada com seu próprio sangue derramado, comovidas e revoltadas, levantaram-se e convulsionaram o Rio de Janeiro e as mais diversas capitais. Durante todo o dia, as multidões percorreram as ruas do Rio de Janeiro e destroçaram faixas e cartazes da UDN, atacaram as sedes da Rádio Globo e da *Tribuna da Imprensa*, edifícios da Standard Oil, Light & Power, Companhia Telefônica, Helena Rubinstein, bem como avançaram contra a Embaixada dos Estados Unidos.

O golpe contra o governo do presidente Vargas inseriu-se no mesmo contexto em que a CIA, juntamente com o MI-5, da Grã-Bretanha, promoveu a derrubada do governo eleito do primeiro ministro do Irã Mohammad Mosaddegh (1951–1953), em 1953, e a invasão da Guatemala (Operation PBSUCCESS) por mercenários para derrocar o governo nacionalista de Jacob Guzman Arbenz, em entre 17 e 27 de junho de 1955. Porém, o suicídio de Vargas, no Brasil, se não abortou o golpe, impediu que a Cruzada Democrática o radicalizasse e instaurasse a ditadura, sob o rótulo "Estado de Emergência", conforme estava projetado.

O vice-presidente José Café Filho assumiu a chefia do governo, sem condições de derrogar todas as iniciativas nacionalistas de Vargas, nem os chefes da Cruzada Democrática de evitar a eleição e a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart, candidatos da aliança PSD-PTB à presidência e vice-presidência do Brasil.

A conspiração, entretanto, continuou. Em 1º de novembro de 1955, por ocasião do enterro do general Canrombert Pereira da Costa, o coronel Jurandir Bizarria Mamede fez a provocação, com um discurso contra a posse dos eleitos - Juscelino Kubitschek e João Goulart, por terem recebido o apoio do PCB, partido na ilegalidade. Infringiu, portanto, a disciplina militar, e o general Henrique Teixeira Lott, ministro da Guerra, tratou de puni-lo. Em 8 de novembro, o presidente José Café Filho, sob o pretexto de doença cardiovascular, passou então o governo ao presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz, que se recusou a punir o coronel Jurandir Mamede e exonerou o general Lott. Mas o general Álvaro Fiuza de Castro, nomeado para o Ministério da Guerra, nem pôde assumir o posto. Na madrugada de 10 para 11 de novembro, o general Henrique Teixeira Lott, com o respaldo da oficialidade nacionalista do Exército, colocou os tanques nas ruas do Rio de Janeiro e levou o Congresso a votar o *impeachment* de Carlos Luz e, no dia 21, repetiu a mesma operação, a fim de evitar que Café Filho reassumisse o governo. Nereu Ramos, presidente do Senado, dirigiu o país até a posse de Juscelino Kubitschek, em 31 de janeiro de 1956.

Os militares da Cruzada Democrática, derrotados em 11 de Novembro de 1955, continuaram a conspirar, dentro e fora do Clube Militar, contra o governo do

presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961), articulados com os políticos da União Democrática Nacional (UDN), que apoiou a candidatura de Jânio Quadros à presidência da República e venceu a eleição em 1960. Por outro lado, João Goulart, do PTB, elegeu-se, separadamente, vice-presidente. Jânio Quadros, porém, renunciou, em 25 de agosto de 1961, pois imaginava que os ministros militares não permitiriam sua sucessão por João Goulart, e buscava assim criar um impasse e forçar o Congresso a aceitar o princípio da delegação de poderes, a fim *fortalecer a autoridade do governo*, que ele julgava *desaparelhado, sem o sacrifício*, contudo, *dos aspectos fundamentais da mecânica democrática*. Washington, no entanto, nele não mais confiava, em virtude de sua política exterior em defesa da autodeterminação e soberania de Cuba, e certamente não podia admitir que ele desse o golpe de Estado *sui generis* de estilo bonapartista, de resultados duvidosos e consequências imprevisíveis. E tudo fizeram para abortá-lo. Carlos Lacerda, governador do Estado da Guanabara e ligado à CIA, delatou o complô, do qual até então participava.

Jânio Quadros teve de precipitar o golpe e renunciou, em 25 de agosto de 1961, mas não teve êxito. O Congresso aceitou a renúncia, como ato de vontade unilateral, e os ministros militares, ao tentarem impedir a ascensão de João Goulart ao governo, defrontaram-se com formidável resistência dentro das Forças Armadas, com o respaldo do III Exército ao levante liderado pelo governador Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul e não tiveram força para impedir que João Goulart assumisse o governo, mas um governo emasculado por um parlamentarismo sem legitimidade, porque aprovado pelo

Congresso, sob pressão, para superar o impasse.

Entretanto, já em maio de 1959, fim do governo de Juscelino Kubitschek, a CIA organizou no Brasil, sob a direção de Ivan Hasslocher, o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), conforme o próprio general Hélio Ibiapina (1909-2010), que pertencera à Cruzada Democrática e fora muito ligado aos americanos, como chefe do serviço secreto do Exército, confirmou em entrevista à **Folha de São Paulo**.² E diversas organizações apareceram, com o mesmo rótulo - "democrática" - uma espécie de *trade mark*, indicativa de que eram também financiadas pela CIA, tais como Campanha da Mulher Democrática (CAMDE), Ação Democrática Parlamentar e outras. Executivos de multinacionais, especialmente americanas, e empresários brasileiros, outrossim, forneceram enormes recursos, inclusive para o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), com o objetivo de articular, com a assessoria do coronel Golbery do Couto e Silva, o radicalismo de direita, carcomer os alicerces e derrocar o governo constitucional do presidente João Goulart.

Durante reunião na Casa Branca, em 7 de outubro de 1963, o embaixador Lincoln Gordon falou sobre a situação econômica e política no Brasil e, ao abordar as alternativas, o presidente Kennedy perguntou-lhe: "*What about the ...Do you see a situation coming where we might be, find desirable, to intervene militarily ourselves?*" E Lincoln Gordon respondeu-lhe: "*Well, this is the other category, which I call 'Dangerous Contingency possibly requiring rapid action'. This is the very problem.*"³ Essa intervenção requeria que os militares destituíssem Goulart e os Estados Unidos reconhecessem logo

o novo governo, de modo que pudessem atender ao pedido de intervenção militar, em caso de resistência e guerra civil.

As aves de rapina, por trás do golpe contra o governo de João de Goulart, que o jornalista Edmar Morel (1912-1989) logo apontou, em 1965, no livro intitulado **O Golpe começou em Washington** e publicado pela Editora Civilização Brasileira, eram as mesmas que compeliram Getúlio Vargas ao suicídio para evitar o ultraje da deposição, como acontecera em 1945. Autor de notável livro **A Revolta da Chibata**, sobre a rebelião dos 2.300 marinheiros, liderados por João Cândido, cognominado "Almirante Negro", nos navios Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Deodoro, na Baía de Guanabara, entre 22 e 27 de novembro de 1910, Edmar Morel, em **O Golpe começou em Washington**, indicou as diversas aves de rapina, tais como a Hanna, com as garras nos minérios brasileiros, AMFORP, Bond & Share, Light, ITT e outras multinacionais, aliadas a industriais brasileiros, banqueiros e latifundiários, com o respaldo técnico e também financeiro da CIA, trataram de impedir as reformas de base, com as quais Goulart, como Vargas, pretendia impulsar o desenvolvimento econômico do Brasil e aprofundar a democracia social.

"Ontem, foi o suicídio de Vargas. Hoje, a deposição de João Goulart. Amanhã será outra revolução *made in USA* contra todo e qualquer presidente reformista" – escreveu Edmar Morel.⁴ De fato, o golpe militar fora planejado, articulado e, a partir de julho de 1963, impulsionado por Washington, quando o Pentágono começou a elaborar vários planos de contingência, denominados *Brother Sam*, que consistiam no envio da força-tarefa norte - americana, incluindo o porta-aviões *Forrestal*, para

o litoral do Brasil, a fim de dar apoio logístico aos insurgentes e desembarcar *marines*, se o golpe de Estado provocasse uma guerra civil.

No dia 30 de março, enquanto o presidente João Goulart falava para os sargentos no Automóvel Clube, o secretário de Estado, Dean Rusk, forneceu ao embaixador Lincoln Gordon, pelo telefone, o *script* do golpe, com a leitura do telegrama nº 1.296, enfatizando a necessidade de que qualquer movimento anti-Goulart, i. e., o golpe de Estado, tivesse aparência de legitimidade, de modo que os Estados Unidos pudessem fornecer a ajuda militar aos sediciosos. Ele ainda informou que os navios, carregados de armas e munições, não podiam alcançar o Sul do Brasil antes de dez dias, mas os Estados Unidos poderiam enviá-las por via aérea, se fosse assegurado um campo intermediário, no Recife ou em qualquer outra parte do Nordeste, onde grandes transportes a jato pudessem pousar. Seu receio era de que Goulart, o deputado Ranieri Mazzilli, os líderes do Congresso e os chefes militares alcançassem naquelas poucas horas uma acomodação, o que seria *deeply embarrassing* para o governo dos Estados Unidos.

A esquadra dos Estados Unidos começou a navegar para o Brasil em 31 de março de 1964. Mas a derrocada do regime democrático, que o suicídio de Vargas frustrou em 24 de agosto de 1954, consumou-se, finalmente, em 1º de abril de 1964. O senador Auro de Moura Andrade, como presidente do Congresso Nacional, proclamou a vacância do governo, quando ainda Goulart se encontrava no território nacional e não renunciara, e empossou no cargo o presidente da Câmara Federal, deputado Ranieri Mazzilli, com a aprovação explícita do presidente dos

Estados Unidos, Lyndon Johnson. E o embaixador Lincoln Gordon, conforme confessou, sentiu-se muito “muito feliz” com a vitória da sublevação de Minas Gerais, “porque evitou uma coisa muito desagradável, que seria a necessidade da intervenção militar americana no Brasil”.⁵

O presidente Goulart, absolutamente, não tinha condições de resistir. "Seria uma sangueira" - havia percebido. Washington não apenas apoiava a sublevação. Também reconheceria a beligerância de Minas Gerais e interviria militarmente no Brasil, em caso de guerra civil, conforme o professor Francisco de Santiago Dantas soube e lhe retransmitiu. A fonte fora o senador Afonso Arinos de Melo Franco, designado pelo governador de Minas, José de Magalhães Pinto, para negociar o apoio dos Estados Unidos. Assim o golpe de 1º de abril, montado a partir de Washington e desfechado pelos militares de direita, a pretexto de combater a subversão, subverteu a ordem constitucional e, em nome da democracia ocidental e representativa, desmontou o regime democrático e instalou uma ditadura nada representativa do povo brasileiro. E, em 15 de abril de 1964, quando o marechal Humberto Castelo Branco assumiu o governo, o Brasil, conforme Edmar Morel muito bem descreveu, já se havia tornado "apreciável campo de concentração", enquanto as embaixadas estrangeiras estavam superlotadas por centenas de refugiados.⁶ Era a democracia das aves de rapina, que, com a supressão das liberdades públicas, cravaram ainda mais suas garras e, sedentas e vorazes, "continuaram sugando o sangue do povo brasileiro".

St. Leon, 19 de fevereiro de 2014.

* Publicado originalmente como prefácio à a nova edição do livro de Edmar Morel, *O Golpe começou em Washington*, publicado pela Editora Civilização Brasileira em 1965.



** **LUIZ ALBERTO MONIZ BANDEIRA** é cientista político e historiador, professor titular de história da política exterior do Brasil (aposentado) da Universidade de Brasília e autor de mais de 20 obras, entre as quais *Formação do Império Americano (Da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque)*.

¹ Entrevista de Tancredo Neves ao autor, Rio de Janeiro, 22 dez. 1976.

² "General diz que teve contato com informante da agência". **Mais!, Folha de S. Paulo**, 23/08/1998

³ John F. Kennedy – Presidential Library and Museu - Meetings: Tape 114/A50. Meeting on Brazil, Meeting on Vietnam, October 1963: 7-8 - <http://www.jfklibrary.org/Asset-Viewer/Archives/JFKPOF-MTG-114-A50c.aspx#>

⁴ MOREL, Edmar. **O Golpe começou em Washington**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965, p. 18.

⁵ Vide MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **O Governo João Goulart - As lutas sociais no Brasil (1961-1964)**. São Paulo: Editora UNESP, 8ª edição revista e ampliada, 2010, pp. 325-337.

⁶ MOREL, Edmar. **O Golpe começou em Washington**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965, p. 142.